



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Estudo sobre os condicionantes que influem no desempenho da concepção colaborativa em Workshop de Arquitetura e Urbanismo (W-AU)

Study on the factors that influence the performance of collaborative design in architecture and urbanism workshops (W-AU)

Estudio sobre condiciones que influyen en el rendimiento de diseño colaborativo en Workshop de Arquitectura y Urbanismo (W-AU)

INEICHEN, Julien (1);

PECQUEUX, Clément (2)

(1) Doutorando em cotutela, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN – PPGAU, Natal, RN, Brasil e Escola Nacional Superior de Arquitetura de Marselha, ENSAM - DREAM, Marselha, França;
email: julien.ineichen@gmail.com

(2) Doutorando, Escola Nacional Superior de Arquitetura de Marselha, ENSAM - DREAM, Marselha, França;
email: clement.pecqueux@gmail.com



Estudo sobre os condicionantes que influem no desempenho da concepção colaborativa em Workshop de Arquitetura e Urbanismo (W-AU)

Study on the factors that influence the performance of collaborative design in architecture and urbanism workshops (W-AU)

Estudio sobre condiciones que influyen en el rendimiento de diseño colaborativo en Workshop de Arquitectura y Urbanismo (W-AU)

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo realizado sobre um Workshop interdisciplinar reunido 30 estudantes de arquitetura, urbanismo e paisagismo vindos de universidades francês, italiana e brasileira. O objetivo da pesquisa visa identificar os condicionantes que influenciam o processo de concepção colaborativa em Workshop de Arquitetura e Urbanismo W-AU. Através de uma análise comparativa dos diferentes grupos de trabalho, pretendemos discernir comportamentos, ferramentas ou configurações espaciais, que permitam que este tipo de exercício colaborativo intensivo funcione com o melhor desempenho possível.

PALAVRAS-CHAVE: Workshop, concepção colaborativa, interdisciplinaridade

ABSTRACT

This article presents a study on an interdisciplinary workshop that involved 30 architecture, urbanism and landscape students coming from French, Italian and Brazilian universities. The objective of the research aims to identify the factors that influence the process of collaborative conception in Architecture and Urbanism Workshops (W-AU). Through a comparative analysis of the different working groups, we aim to discern behaviors, tools or spatial configurations that ensure the best possible performance of this type of intensive collaborative work.

KEY-WORDS: Workshop, collaborative design, interdisciplinary

RESUMEN

En este artículo se presenta un estudio sobre un Workshop interdisciplinario que reunió 30 estudiantes de arquitectura, urbanismo y paisaje procedentes de universidades francés, italiana y brasileña. El objetivo de la investigación busca identificar las condiciones que influyen en el proceso de diseño colaborativo en Workshop de Arquitectura y Urbanismo (W-AU). A través de un análisis comparativo de los diferentes grupos de trabajo, nuestro objetivo es discernir los comportamientos, las herramientas o las configuraciones espaciales que permiten el mejor rendimiento posible de este tipo de ejercicio de colaboración intensivo.

PALABRAS-CLAVE: Workshop, diseño colaborativo, interdisciplinariedad



1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 30 de junho e 13 de julho 2013, aconteceu em Marselha na França, o Workshop “Mar-Porto-Cidade: l’Estaque um território habitado”. Este ateliê intensivo de curta duração de concepção colaborativa em arquitetura e urbanismo (INEICHEN, 2011) foi uma iniciativa encabeçada por três instituições que desenvolvem juntas um projeto pedagógico interdisciplinar: a Escola Nacional Superior de arquitetura de Marselha (ENSA-M), a Escola Nacional Superior de Paisagismo de Versalhes-Marselha (ENSP) e o Instituto de Urbanismo e de Planejamento Regional de Aix-en-Provence (IUAR). Esta atividade pedagógica foi realizada no contexto do evento europeu, *Marseille Provence Capital Européia da Cultura 2013*, e foi coordenada pelos professores Stéphane Hanrot (ENSA-M), René Girard (ENSP), Michel Chiappero (IUAR).

Trinta estudantes foram reunidos para participar em tempo integral deste Workshop de duas semanas. A turma foi formada por representantes de cada uma das instituições organizadoras e por estudantes das instituições participantes da rede EQUINOX (OLIVEIRA DE SOUZA, 2012). Assim, além de uma base interdisciplinar formada pelos alunos de Marselha, a participação dos alunos das universidades de Engenharia-Urbana-Paris-Este (UPEM), da Sapienza-Roma (SR), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) proporcionou uma dimensão intercultural ao evento. Ademais, alguns professores destas universidades, além de docentes de outras instituições de ensino, como uma professora de paisagem da TU-Malmö, formaram a equipe de acompanhamento pedagógico.

Paralelamente a esta supervisão pedagógica, o coletivo ETC¹ foi convidado para organizar e facilitar a dinâmica de trabalho da primeira semana que aconteceu *in-situ*. Na segunda semana, realizada nos ateliês da ENSAM, três peritos, Gueric Péré², Marc Barrani³ e Francis Ampe⁴, profissionais renomeados nas suas respectivas disciplinas, foram convidados para assessorar e avaliar os projetos.

Com o intuito de estudar este dispositivo pedagógico específico, foi montada, sob a direção do Professor Stéphane Hanrot da ENSA-M, uma equipe de pesquisa composta por Clément Pecqueux, doutorando da ENSA-M, Julien Ineichen, doutorando em co-tutela da ENSA-M e da UFRN e Flavien Boulnois, mestrando da UPEM. Além disso, os professores participantes vindos de outras cidades da França, do Brasil, da Itália e da Suécia foram igualmente convidados a observar e analisar os processos em andamento.

Desta forma, através de uma tática de observação participante, e da realização de entrevistas com as várias pessoas envolvidas, foram levantados dados factuais, além de pontos de vistas

¹ O “Collectif ETC” é um coletivo de criadores francês que tem o desejo de reunir energias em torno de dinâmicas de questionamento do espaço comum. (www.collectifetc.com)

² Gueric Péré é fundador da agência Ilex [paysages-urbanisme]. (www.ilex-paysages.com)

³ Marc Barani é fundador Atelier Barani, vencedor do prêmio “Équerre d’argent 2008” e do “Grand prix de l’architecture 2013” http://fr.wikipedia.org/wiki/Marc_Barani

⁴ Francis Ampe é consultor em urbanismo e planejamento territorial em Marselha, ex-diretor da agência de desenvolvimento e urbanismo de Lille Métropole e ex-prefeito de Chambéry. (http://fr.wikipedia.org/wiki/Francis_Ampe)

diferenciados, revelando informações tanto sobre a organização geral do evento, quanto sobre as interações humanas, que aconteceram dentro dos grupos de trabalho.

Este artigo apresenta uma análise destes dados que visa identificar os condicionantes que influenciam o processo de concepção colaborativa em WAU. Através de uma análise comparativa dos diferentes grupos de trabalho, visamos a discernir comportamentos, ferramentas ou configurações espaciais que permitem que este tipo de exercício colaborativo intensivo funcione com o melhor desempenho possível.

Este estudo de caso faz parte de uma pesquisa de longo prazo que visa, com a observação repetida deste tipo de dispositivo pedagógico, aperfeiçoar a realização de processos de colaboração, com o objetivo de otimizar as relações de trabalho, e a qualidade dos projetos desenvolvidos. Ele participa de uma dinâmica de construção em um âmbito de trabalho comum que embasará os intercâmbios pedagógicos e científicos no seio do Instituto Mediterrâneo da Cidade e do Território (IMVT). Esta futura instituição interdisciplinar reunirá a Escola Nacional Superior de Paisagem de Versalhes-Marselha (ENSP-MV), Instituto de Urbanismo e de Planejamento Regional de Aix-en-Provence (IUAR) e a Escola Nacional de Arquitetura de Marselha (ENSA-M).

EMBASAMENTOS DE UM EXERCÍCIO EXPLORATÓRIO

O Workshop “Mar-Porto-Cidade: l’Estaque um território habitado” se encerrou no camping “Yes we camp” com uma apresentação pública dos resultados das duas semanas de trabalho. Fruto de um processo de concepção colaborativo, os projetos tinham a ambição de propor aos atores locais ideias que pudessem articular, em várias escalas, tanto as diferentes disciplinas, quanto as diferentes temporalidades de um projeto urbano para o futuro do bairro de l’Estaque. Para introduzir as abordagens pedagógicas utilizadas para atingir este objetivo, é judicioso analisar em detalhes a programação das atividades do evento.

A organização do Workshop foi estruturada em duas fases. O objetivo era experimentar a complementaridade de duas abordagens de projeto, radicalmente diferentes. A primeira semana foi dedicada a uma imersão na área de intervenção. O intuito era promover o confronto entre os lugares, os atores locais e as diferentes culturas disciplinares reunidas neste projeto. Para atingir este objetivo, os participantes habitaram durante 6 dias o bairro de l’Estaque, onde eles realizaram projetos de prototipagem de um espaço público, facilitado pelos membros do coletivo ETC. A segunda semana, realizada nos ateliês de arquitetura da ENSA-M, localizada na cidade universitária de Luminy, visou a compreensão das questões territoriais que percorrem o bairro de l’Estaque, seu desenvolvimento ao longo do tempo e os pontos de vista, de reconhecidos especialistas disciplinares, sobre estas diferentes problemáticas.

Esta sequência de atividades é contrária a uma abordagem mais tradicional, que iniciaria uma leitura territorial para seguir com um trabalho na escala do objeto urbano, arquitetônico ou paisagístico. Este Workshop propôs assim um processo de reflexão inverso, onde o trabalho parte de uma intervenção na escala de um protótipo no bairro, para depois se afastar e desenvolver uma estratégia global para o território urbano na sua totalidade.

O Workshop experimenta, desta forma, a complementaridade de duas abordagens que se distinguem pela sua escala de intervenção, pelas suas condicionantes de elaboração do projeto (ex: trabalhar na rua ou num ateliê de arquitetura), e pela natureza da sua produção final (ex:

protótipo de um mobiliário urbano ou representação gráfica de um projeto urbano). Com a reunião destas duas abordagens, o Workshop testa assim a hipótese de que um projeto urbano e territorial pode ser iniciado por uma fase de concepção de tipo *bottom-up* (da pequena à grande escala), ilustrando nosso caso, através de uma prototipagem de mobiliário urbano, capaz de alimentar e estruturar uma segunda fase de tipo *top-down* (da grande à pequena escala), ilustrando nosso caso pelas propostas de desenvolvimentos urbanos apresentados no final do Workshop.

A questão das escalas de reflexões e intervenções do projeto urbano aponta igualmente a problemática das competências e dos papéis das diferentes profissões envolvidas na produção da cidade. Apesar da *expertise* reconhecida dos urbanistas, paisagistas e arquitetos para conceber o ambiente urbano, constata-se grandes dificuldades na hora de colaborar (MCPEEK, 2009). O Workshop L'Estaque, enquanto exercício pedagógico, se propôs a fazer com que estudantes destas diferentes disciplinas trabalhassem juntos, partindo do princípio de que existem complementaridades entre suas abordagens conceituais, suas ferramentas de trabalho e seus pontos de vista sobre o território. A ideia é que os dispositivos específicos do Workshop L'Estaque possam evitar abordagens disciplinares herméticas que provocam obstáculos no contexto de um processo tradicional de concepção pluridisciplinar de projeto.

ORGANIZAÇÃO DA EQUIPE DE OBSERVAÇÃO

Para levantar os dados sobre os processos de concepção colaborativa que aconteceram durante este Workshop foram aplicados dois protocolos.

Durante a primeira semana, os membros da equipe de observação se juntaram aos participantes projetistas e participaram como mão-de-obra nos canteiros dos três lugares de intervenções em L'Estaque. Esta posição proporcionou aos observadores a possibilidade de estar o mais próximo possível do processo de colaboração. Neste contexto, eles puderam observar as sinergias dentro dos grupos de trabalho e as interações cotidianas entre os participantes projetistas e os moradores, causadas pelas intervenções realizadas. Em paralelo a este mergulho no seio dos grupos de projetos foram feitas entrevistas com os subgrupos, compostos cada vez de um estudante arquiteto, um estudante paisagista e um estudante urbanista. Além das entrevistas, realizamos um encontro de supervisão diária entre os membros da equipe de observação.

Na segunda semana, o protocolo de observação mudou para responder à nova configuração do Workshop. O trabalho em ateliê possibilitou que os observadores tomassem uma distância maior das equipes de concepção e coletassem informações sobre a complexidade do dispositivo de concepção colaborativa, estruturado em função de sua dimensão intelectual, pedagógica e profissional. Este trabalho de observação, distante do fenômeno estudado, foi complementado com entrevistas das equipes multidisciplinares da primeira semana, dos professores supervisores e dos peritos disciplinares.

2 ALGUNS CONDICIONANTES-CHAVE NO DESEMPENHO DO PROCESSO DE CONCEPÇÃO COLABORATIVA.

O trabalho de pesquisa realizado no Workshop L'Estaque tinha como objetivo analisar em que medida este dispositivo pedagógico específico favorece o processo de concepção colaborativa

entre urbanista, paisagista e arquiteto, e conseqüentemente, quais são as articulações da escala inerente a um projeto urbano.

Durante as duas fases estruturantes desta oficina intensiva de curta duração foram realizadas duas observações participantes: a primeira dedicada à uma abordagem *bottom-up*, ocorrida *in-situ*, e a segunda, consagrada a uma abordagem *top-down*, realizada em atelier. Essas observações nos permitiu identificar três condicionantes-chave para análise deste dispositivo:

- *Os lugares do Workshop*. Quais são as influências dos lugares de trabalho, de vida e de projeto sobre a dinâmica coletiva?
- *As ferramentas e as metodologias do Workshop*. Quais são os instrumentos usados para facilitar o processo de concepção colaborativo e as relações de escala e com que sucesso?
- *Os atores do Workshop*. Quais são os diferentes papéis dos participantes no Workshop e quais são suas funções-chave?

INFLUÊNCIA DOS LUGARES

As observações das configurações dos diferentes lugares da primeira semana mostram como uma grande proximidade dos lugares de trabalho, de vida e de projeto oferece a vantagem de liberar um tempo importante para atividades⁵, que possibilitem relações informais. Paralelamente, as entrevistas dos estudantes têm destacado a importância destes momentos de troca, para descobrir seus colaboradores de trabalho e compreender seus pontos de vistas. Estas constatações nos levam a pensar que estes momentos proporcionam um papel-chave para o bom funcionamento das equipes de concepção colaborativa.

Ademais, observamos que a proximidade entre o lugar de trabalho e o lugar de projeto foi uma característica que favoreceu bastante o processo iterativo de concepção. As ideias eram testadas na hora, nos próprios espaços públicos de l'Estaque e, consecutivamente, estavam sujeitas a um ajuste imediato, em função da exequibilidade técnica ou das opiniões dos usuários. Esta vantagem foi destacada especialmente durante a segunda semana quando as equipes se confrontaram com as dificuldades de validar suas ideias de projeto no território juntamente com os moradores, uma vez que os ateliês da ENSA-M estão localizados do lado oposto da cidade.

Por outro lado, constatamos também que a configuração da primeira semana, onde estes dois lugares se confundem, levou os participantes a serem totalmente absorvidos por estes microcosmos, para posteriormente encontrar dificuldades para sair deste lugar específico na hora de construir uma visão global da área de intervenção. Este fenômeno foi ilustrado pela necessidade, da maioria dos participantes, em voltar ao território de l'Estaque, na segunda semana, para percorrer a cidade a pé afim de poder entender melhor o contexto urbano geral.

Constatamos então que a proximidade destes dois lugares favorece uma compreensão profunda das diversas dimensões das áreas de intervenções, mas não ajuda a entender estes espaços no seu contexto. Percebemos também que a separação clara destes dois lugares, apesar das dificuldade de ida e volta entre as ideias e o terreno que ela gera, favorece um trabalho de abstração necessário à elaboração de uma coerência global do projeto.

⁵ Durante a primeira semana, os participantes do Workshop l'Estaque residiram no camping "Yes We Camp" na beira mar de l'Estaque.



O objetivo deste Workshop foi de reunir no mesmo exercício pedagógico estas duas configurações espaciais, radicalmente diferentes, no intuito de proporcionar um processo de concepção construído sobre a complementaridade das contribuições destas duas abordagens de projeto. Diante do antagonismo destas modalidades de concepção, o desafio encontrado foi de definir e mobilizar as ferramentas e os métodos capazes de fazer dialogar estes dois universos.

FERRAMENTAS E MÉTODOS

De modo geral, e em um contexto particular de ateliê intensivo de curta duração, a escolha das ferramentas e metodologia de trabalho é fundamental. Portanto, observamos que esta escolha está diretamente relacionada às características dos espaços de trabalho. Por exemplo, a intervenção em espaços públicos durante a primeira semana não possibilitou o uso intensivo dos recursos digitais. Esta condicionante levou os participantes a terem que aprender a usar novas ferramentas. No nosso caso foram as ferramentas de construção dos protótipos de mobiliário urbano, tais como a serra ou a parafusadeira. Este processo de apropriação coletiva de novas ferramentas de trabalho foi apontado como o processo catalisador da dinâmica de grupo, uma vez que ele impediu relações hierárquicas pré-determinadas, visto que nenhum participante tinha o domínio sobre esta modalidade de concepção. Porém o papel dos facilitadores, neste caso os membros do coletivo ETC, foi fundamental para agilizar o processo de apropriação destas novas ferramentas. Na segunda semana, o trabalho em ateliê possibilitou o uso de ferramentas digitais, tradicionalmente usadas pelos projetistas. No entanto, além destas modalidades de trabalho, os participantes foram convidados a intervir com maquetes conceituais sobre um mapa gigante da área de intervenção. O Mapa media 7m por 3m na escala 1/500. Esta ferramenta de trabalho colaborativo não convencional, introduzido pelo Professor Stéphane Hanrot, executou o papel de descompartmentação entre os diferentes modos de fazer dos arquitetos, paisagistas e urbanistas, facilitando assim o processo de concepção interdisciplinar. A mobilização destas diferentes modalidades de concepção em um tempo curto, destacou a importância do uso de ferramentas apropriadas para responder às condicionantes dos processos de concepção colaborativa.

Nos dois casos, observamos que é necessário um tempo de aprendizagem e adaptação a estas novas ferramentas de trabalho. À primeira vista, este tempo poderia ser considerado um obstáculo ao desempenho da equipe, visto que ele não permite que os participantes tenham uma ótima eficiência de produção, desde o início da fase de concepção. Por outro lado, este tempo dedicado ao processo de aprendizagem coletivo força os membros da equipe a recolocar e reconfigurar as suas competências e saberes em função desta nova dinâmica de trabalho colaborativo. Da mesma forma que as atividades informais apresentadas anteriormente levam os participantes a entender melhor os pontos de vista de seus colegas, este período de aprendizagem de novas ferramentas parece essencial na construção de um processo de trabalho colaborativo. No entanto, surge a questão de saber em que medida o uso de novas ferramentas de concepção não favorece os saberes ou competências de uma das disciplinas mobilizadas.

Poderíamos imaginar a primeira vista que um processo de trabalho baseado na fabricação de protótipos, realizados na primeira semana, se aproxima de uma abordagem de concepção com maquetes, bem mais familiar a uma prática de projeto de um arquiteto ou um paisagista, que de um urbanista. Porém este potencial desequilíbrio, nas entrevistas não parece ser um elemento perturbador no desenvolvimento das dinâmicas de grupo estudadas. Tanto os



arquitetos e urbanistas entrevistados levantam que estas atividades favorecem uma equidade nas interações, e uma abertura dos pontos de vista.

Entretanto, apesar do sucesso que estas duas novas ferramentas de concepção colaborativa encontraram nos participantes, a problemática de articulação das duas abordagens de trabalho, *bottom-up* e *top-down* fica aberta. De fato, as entrevistas de todos os participantes, estudantes, peritos ou professores, salientam as dificuldades de transferir os saberes constituídos durante a primeira semana no trabalho de concepção da segunda semana.

O PAPEL DOS ATORES

Embora os participantes projetistas estivessem no centro do dispositivo de concepção colaborativa, outros atores foram chave no bom decorrer deste Workshop: os professores supervisores, os peritos disciplinares e o coletivo ETC. Se os dois primeiros atuaram como responsáveis pelas abordagens de concepção propostas e por priorizar as diferentes culturas disciplinares presentes, os últimos atuaram na primeira semana como facilitadores do processo de concepção colaborativa.

A relação entre os participantes projetistas e o conjunto dos atores orientadores foi configurada em dois momentos radicalmente diferentes. Na primeira semana, os membros do coletivo ETC encabeçaram as três equipes de projeto. Como integrantes das equipes, eles facilitaram tanto a aproximação às novas ferramentas, quanto o processo de concepção colaborativa. Na segunda semana, as equipes de participantes projetistas precisaram ser autônomas e lidar com os pontos de vista dos peritos disciplinares.

A natureza distinta destas duas configurações de atores pôde ser ilustrada na metade do Workshop quando foi realizada a transição. Encerrando a primeira semana de trabalho, o sábado foi dedicado à apresentação dos resultados aos peritos disciplinares. Este exercício apontou as dificuldades em comunicar uma abordagem *bottom-up*. De um lado, equipes de estudantes multidisciplinares, recentemente reunidas num processo *bottom-up*, processo igualmente novo para eles, do outro, peritos disciplinares, reconhecidos pelas suas várias realizações, e experientes nos processos *top-down*.

Constatamos que este encontro resultou em uma reconfiguração das interações, em função de um modelo de hierarquia clássica, conhecido pelos dois tipos de atores: a crítica final de um projeto de ateliê onde o estudante apresenta os resultados de seu trabalho a uma banca de professores e profissionais. Neste contexto, o esforço dos membros de cada equipe foi de traduzir o saber transdisciplinar, constituído durante esta semana, materializado pela micro intervenção urbana, nas diferentes linguagens disciplinares de seus professores e respectivos peritos. De acordo com vários entrevistados, as equipes não conseguiram transmitir os conhecimentos adquiridos no processo *bottom-up* aos peritos. O início do diálogo entre estas duas abordagens empatou nas dificuldades de encontrar, em tão pouco tempo, uma relação hierárquica tradicional, uma linguagem comum que possibilitasse a troca sobre este objeto transdisciplinar.

Depois desta apresentação *in situ*, que iniciou o processo de articulação entre as duas abordagens de projeto, foi organizado um dia de concepção na mesa num local da universidade situado no centro da cidade. O intuito deste encontro de trabalho era convidar as 10 equipes multidisciplinares a trocar suas ideias de projetos urbano com os 3 peritos disciplinares. Durante esta nova configuração de trabalho, conforme modelo usado no ensino

acadêmico, observamos que as posturas disciplinares dos participantes retomaram forças. Enquanto os peritos preconizavam suas respectivas visões, os participantes voltavam a se posicionar em função de seus pontos de referências disciplinares para poder responder a esta nova lógica. Neste formato de interação, parecido a uma relação professor-aluno, o papel do facilitador, encabeçado pelos membros do coletivo ETC na primeira semana, não foi substituído. Constatamos que a ausência deste mediador tem desequilibrado os debates a favor da força de argumentação dos peritos. Finalmente, as discussões deste dia de trabalho chegaram à seguinte conclusão: era imperativo voltar à l'Estaque para entender este bairro na sua globalidade e analisá-lo com um olhar disciplinar. Este segundo dia de articulação das abordagens foi então marcado pelo redirecionamento do processo de trabalho, pelo *expert* no intuito de voltar a utilização das ferramentas disciplinares tradicionais.

Apesar de um professor ter introduzido a maquete conceitual gigante, ferramenta que facilitou, como temos visto, à experimentação, à confrontação e a troca dos pontos de vista disciplinares sobre o projeto urbano de l'Estaque, as entrevistas apontam que a configuração dos papéis dos diferentes atores presentes nesta segunda semana não foi favorável à construção de um processo de concepção colaborativa.

Um dos elementos que se mostrou central na construção de uma dinâmica de concepção colaborativa foi o reconhecimento do processo de tomada de decisões por todos os participantes. Enquanto que durante a primeira semana, as decisões eram tomadas de forma coletiva entre todos os participantes, e eram facilitadas pelos membros do coletivo ETC, que faziam parte das equipes, na segunda semana, o peritos, apesar de não fazerem parte integrante das equipes, tomaram o poder de decisões importantes, no direcionamento dos projetos. Esta postura ocasionou grandes perturbações nas dinâmicas das equipes de concepção. Este processo foi vivenciado como uma forma de imposição do saber dos peritos, comparável a uma abordagem *top-down*. Este fenômeno provocou vários crispações, e por isso dificultou as tomadas de decisão. Este contexto também dificultou a mobilização e transmissão dos conhecimentos adquiridos durante a primeira semana, na dinâmica de trabalho da segunda semana.

3 CONCLUSÕES

Na perspectiva de uma pesquisa sobre o Workshop como ferramenta pedagógica, é importante frisar que as observações e análises apresentadas neste artigo só foram possíveis por conta do potencial de experimentação enorme que este dispositivo oferece. Juntar uma abordagem *bottom-up* a uma abordagem de projeto *top-down*, utilizando ferramentas originais como a prototipagem de mobiliário urbano *in-situ*, reunindo tantos atores diferentes em prol de um projeto urbano em um tempo tão curto é, a nosso conhecimento, um exercício inédito.

Apesar da complexidade do evento, a abordagem de pesquisa colaborativa baseada num observação participante, tem possibilitado o levantamento de uma série de informações que permitiram à identificação de alguns condicionantes-chave no processo de concepção colaborativa. Desta forma, o cruzamento das observações dos 3 pesquisadores com as entrevistas dos diferentes participantes demonstraram que a configuração dos espaços do evento, o tipo de ferramentas e métodos usados, assim como as modalidades de interação



entre os atores do projeto tem uma grande influência sobre o funcionamento do processo de concepção colaborativa.

Visto que o Workshop é uma atividade pedagógica intensiva que proporciona um envolvimento total do aluno durante os 15 dias do evento, a natureza e a proximidade dos lugares de trabalho, de vida e de projeto demonstrou um impacto direto sobre o desempenho do processo de concepção colaborativa. Podemos afirmar que a proximidade destes três lugares facilita o entendimento entre os membros das equipes por duas razões principais: Primeiro ela proporciona um tempo maior para as atividades informais (não dedicado diretamente ao Projeto), através das quais cada um aprende a conhecer melhor o universo do outro e suas opiniões. Segundo, ela possibilita um ciclo curto entre a elaboração das ideias de projeto e a confrontação destas ideias com as realidades físicas e sociais da área de intervenção.

O uso de ferramentas e métodos inéditos para as disciplinas envolvidas, como no nosso caso a prototipagem, tem proporcionado uma dinâmica de trabalho favorável à constituição de um processo de concepção colaborativa. Explicamos isso pelo fato de que cada participante precisa reformular suas visões em função desta nova linguagem, a qual ninguém possui o domínio maior. Este processo de reformulação de suas ideias em uma língua nova, apesar de necessitar um tempo importante de aprendizagem, cria um repertório e um entendimento compartilhado, que serve à construção de um projeto comum.

Como nós vimos, as modalidades de interação entre os atores de um Workshop é um elemento muito importante para o desempenho da colaboração. Isso se explica com a necessidade para qualquer equipe de construção um processo de tomada de decisão aceita por todos. Por esta razão, percebemos que a presença de um facilitador é um elemento central para evitar bloqueios, especialmente em contexto onde tem pouco tempo e os participantes não tem muita prática de concepção colaborativa.

Para concluir, constatamos que o formato do Workshop e a escolha da suas configurações espaciais, da suas ferramentas e métodos de concepção e da suas modalidades de interação entre os atores do projeto, ofereceu um contexto especialmente interessante para observar os parâmetros que influenciam o processo de concepção colaborativa num projeto multi-escalar.

A importância dos tempos de troca informal, o uso de ferramentas de concepção não convencionais ou o papel do facilitador no exercício da concepção colaborativa são alguns dos ensinamentos desta experiência que podem ser completados por outros estudos.

Embora observemos que a configuração usada neste evento ainda esteja perfectível, o exercício do Workshop nos confirmou mais uma vez que esta ferramenta pedagógica peculiar oferece um quadro de trabalho favorável à prática de concepção colaborativa de projeto transdisciplinar e de seu estudo.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos vão para todos os participantes do Workshop que colaboraram com esta pesquisa e à Profa. Dra. Maísa Veloso e ao Prof. Dr. Stéphane Hanrot pela orientação deste trabalho e as suas respectivas instituições, a UFRN e a ENSA-M pelo apoio financeiro que tem permitido viabilizar a realização deste estudo.



REFERÊNCIAS

- INEICHEN, Julien. O Workshop de Projeto de Arquitetura e Urbanismo como Instrumento Pedagógico: Em busca de um embasamento teórico e metodológico de uma prática difundida. In: V PROJETAR, 2011, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- MCPEEK, Keith T. Collaborative Design Pedagogy: a Naturalistic Inquiry of Architectural Education. 2009. Doctor of Philosophy – Texas A&M University, Houston, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1969.1/ETD-TAMU-2009-05-541>>. Acesso em: 23 jan. 2012.
- OLIVEIRA DE SOUZA, Alex. Atelier internacional Equinox: aliando conceitos subjetivos aos problemas objetivos do projeto urbano. In: II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, out. 2012, Natal, Brasil. *Anais...* Natal, Brasil: [s.n.], out. 2012.